

## Mulheres na Ciência e ensino remoto: uma experiência das mestrandas em Sociologia da Universidade de Brasília

*Mujeres en la ciencia y enseñanza a distancia: una experiencia de mujeres estudiantes de maestría en sociología de la universidad de Brasília*

*Women in science and remote teaching: an experience of women students of the master's degree in sociology at the university of Brasília*

Andressa Vieira Palmeira<sup>1</sup>:  
ORCID: 0000-0002-9167-6924

Thayná Rodrigues Cunha Porto<sup>2</sup>:  
ORCID: 0000-0002-0830-862X

### Resumo

Este trabalho aborda as relações de gênero na Ciência e os efeitos do ensino remoto em contexto pandêmico. Em especial, pensou-se na saúde mental das mulheres e nos impactos que um padrão e uma expectativa do que é “ser cientista” operam nelas, até mesmo em termos de produção científica. Para tal intento, foi aplicado um questionário online para os ingressantes no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília do primeiro semestre letivo de 2021 e, posteriormente, um grupo focal apenas com as mulheres dentro deste universo. O questionário aponta para uma maior delegação de atividades para aqueles que proveem para o lar, em sua maioria estudantes negros, e para uma geral piora na saúde mental durante a pandemia, em que atividades ficam sobrepostas. De modo geral, o ambiente acadêmico pode não ser inclusivo para as mulheres, pessoas negras e de classes menos favorecidas. Isso foi ressaltado nos relatos colhidos no grupo focal através de questões relacionadas à sala de aula virtual.

**Palavras-chave:** Mulheres e Ciência, Autoestima Intelectual, Ensino Remoto, Mestrado, Universidade de Brasília.

### Resumen

Este trabajo aborda las relaciones de género en la ciencia y los efectos de la enseñanza a distancia en un contexto de pandemia. En particular, se pensó en la salud mental de las mujeres y los impactos que sobre ellas opera una norma y una expectativa de lo que significa “ser científico”, incluso en términos de producción científica. Para ello, se aplicó un cuestionario en línea a quienes ingresaron al Programa de Posgrado en Sociología de la Universidad de Brasília en el primer semestre de 2021 y, posteriormente, un grupo focal con solo mujeres dentro de este universo. El cuestionario apunta a una mayor delegación de actividades a quienes proveen del hogar, en su mayoría estudiantes negros, y a un empeoramiento general de la salud mental durante la pandemia, en la que se superponen

1 Mestranda em Sociologia. Graduada em Ciências Sociais - licenciatura e em Sociologia - bacharelado pela Universidade de Brasília (UnB). Na graduação, venceu o Prêmio Destaque de Iniciação Científica em 2019 e a monografia foi na temática de “mulheres na ciência”. Atualmente, é mestranda em Sociologia na mesma universidade e pesquisa dinâmicas de reconhecimento das pesquisadoras de ciências sociais no contexto acadêmico. *E-mail:* avpalmeira.98@gmail.com

2 Mestranda em Sociologia. Graduada em Ciências Sociais - licenciatura e bacharelado pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora do laboratório GENPOSS - Grupo de estudos e Pesquisa sobre Gênero, Política Social e Serviços Sociais. Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da UnB, pesquisa migrações e gênero. *E-mail:* thaynarporto@gmail.com

actividades. En general, el entorno académico puede no ser inclusivo para las mujeres, las personas de color y las personas desfavorecidas. Esto fue destacado en los relatos recogidos en el grupo focal a través de preguntas relacionadas con el aula virtual.

**Palabras clave:** Mujeres y Ciencia, Autoestima Intelectual, Enseñanza a Distancia, Maestría, Universidad de Brasília.

### Abstract

This article addresses gender relations in science and the effects of remote teaching in a pandemic context. In particular, thought was given to the mental health of women and the impacts that a standard and an expectation of what it means to “be a scientist” operate on them, even in terms of scientific production. For this purpose, an online questionnaire was applied to those entering the Postgraduate Program in Sociology at the University of Brasília in the first semester of 2021 and, later, a focus group with only women within this universe. The questionnaire points to a greater delegation of activities to those who provide for the home, mostly black students, and to a general worsening in mental health during the pandemic, in which activities overlap. Generally speaking, the academic environment may not be inclusive for women, people of color and disadvantaged people. This was highlighted in the reports collected in the focus group through questions related to the virtual classroom.

**Keywords:** Women and Science, Intellectual Self-Esteem, Remote Teaching, Master’s, University of Brasília.

## 1. Introdução

Ser uma mulher e ser cientista engendra muitos desafios. Alguns deles são mais escancarados e reconhecidos publicamente, como menores salários, assédios, silenciamentos, interrupções e descredibilização. Outros surgem sem um “autor” tão claro, representados pelo consenso institucional de que elas não pertencem a este espaço, o que gera os sentimentos de insegurança e de baixa autoestima intelectual, os quais impactam na produção científica delas. Segundo dados levantados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), apesar de serem maioria nos cursos de pós-graduação, a representação de mulheres no topo da carreira ainda é pequena, o que sugere que sofrem com desafios específicos de gênero na escalada da ascensão profissional (MALCHER, 2023).

Os desafios das mulheres nessa área podem ser comuns a outras áreas, como o fato de ter sido construído um “molde” para seguirem, sendo ele o padrão de cientista que não lhes cabe, mas mesmo assim continuam tentando encaixar-se – este seria um paralelo com a definição de *insiders* de Patricia Hill Collins, ou seja, aqueles que construíram os códigos acadêmicos e não compartilharam historicamente com outros grupos, como mulheres e pessoas negras.

O surgimento de uma doença viral altamente transmissível alterou as dinâmicas de convivência entre pessoas no mundo todo. Segundo Gundim *et al.* (2021), a pandemia causou reações psicológicas alarmantes: desânimo, tristeza e dificuldade de concentração e para dormir. Os estudantes não ficaram de fora desta equação: os quadros de ansiedade e pânico, que já atingiam quase metade deste grupo antes da pandemia, se intensificaram e aumentaram.

É por isso que trazemos aqui ideias que ligam a *performance* do “ser cientista” à autoestima intelectual de mulheres cientistas e aos desafios encontrados na pandemia da Covid-19, com foco nos e nas estudantes que ingressaram no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGSOL) da Universidade de Brasília (UnB) para o primeiro semestre letivo de 2021.

Para isso, mapeamos os ingressantes do mestrado de maneira geral, por meio das publicações oficiais disponibilizadas pela secretaria do programa, para entendermos proporções de gênero e raça, e realizamos a aplicação de um questionário *online*, devido à sua capacidade de

[...] produzir descrições quantitativas ou numéricas sobre alguns aspectos de uma população. A principal forma de coletar dados é por meio de perguntas feitas às pessoas; suas respostas constituem os dados a serem analisados. Em geral, a informação é coletada apenas sobre uma fração da população, isto é, uma amostragem, e não sobre cada membro dela (FLOYD e FOWLER, 2011, p. 11).

Este recurso foi enviado a todos os ingressantes da turma, de forma a entender aspectos envolvendo identidade de gênero, autodeclaração racial, faixa etária, o custeio dos estudos no mestrado, presença ou não de filhos, motivação ao participar do processo seletivo, atividades desempenhadas no âmbito doméstico, avaliação de desempenho até o presente momento e saúde mental atrelada ao modelo de ensino remoto.

Também, realizamos um grupo focal somente com mulheres, sendo elas, em sua totalidade na turma, cinco entre os 15 ingressantes, para investigar de forma mais aprofundada seus sentimentos sobre ser mulher na academia, desafios e vivências durante a pandemia e o ensino remoto. Os grupos focais, ou “grupos de foco”, buscam reunir uma quantidade média de pessoas que presumivelmente compartilharam uma experiência comum, realizando uma entrevista coletiva com um ou mais moderadores. A grande vantagem de utilizar esta técnica de pesquisa é pela possibilidade de expressão facilitada quando o sujeito está em um grupo e não em uma entrevista individualizada (YIN, 2016).

Além disso, apresentaremos alguns desafios enfrentados pelas mulheres cientistas, tanto objetivos quanto subjetivos, e os impactos que estes podem ter na saúde mental e na autoestima intelectual delas, incluindo o atual cenário de pandemia no Brasil e perpassando pelas questões raciais e de classe, em consonância com autoras como Betina Lima (2013) e Patricia Hill Collins (2016).

É importante pontuar que a abordagem desta pesquisa será feita em primeira pessoa do plural, levando em conta as correntes epistemológicas feministas acadêmicas, como a da expoente Donna Haraway, pois para ela, “apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva” (HARAWAY, 1995, p. 21). Ela rejeita a ideia de objetividade construída no positivismo e procura pensar outra forma de análise social, os ditos saberes localizados.

A objetividade feminista teria como ponto central uma localização limitada, que

não busca de nenhuma forma criar uma distância e uma divisão irreal entre sujeito e objeto. Se o(a) pesquisador(a) já tem suas concepções de mundo, muitas vezes quase que ditadas pelo lugar que seu corpo ocupa na sociedade, conseqüentemente suas conclusões surgirão por meio dessa lente, “a visão é sempre uma questão do poder ver - e talvez da violência implícita em nossas práticas de visualização” (HARAWAY, 1995, p. 25). É se tornar responsável pelo conhecimento produzido.

## 2. O perfil dos ingressantes

Utilizando o portal oficial do PPGSOL-UnB e da complementação dos dados por meio de solicitação à secretaria do mesmo programa, avaliamos os resultados dos processos seletivos do mestrado acadêmico de 2016 a 2021, por não terem sido disponibilizados registros pela secretaria do programa de anos anteriores a estes. Este instrumento divulga o número de inscrição do(a) candidato(a) no processo seletivo, a linha de pesquisa para a qual ingressou, o nome, a nota final, o resultado (“aprovado(a) e classificado(a)” ou somente “aprovado(a)”) e a indicação de solicitante ou não de ações afirmativas.

Pelo fato de os resultados serem nominais, a designação de gênero foi feita levando em conta o rol de nomes considerados femininos e masculinos, o que pode ser incorreto caso o nome não se enquadre, em caso de pessoas em transição de gênero ou que não se encaixam em uma binaridade de gênero. Também foi considerada a desig-

nação do documento oficial de resultado de cada processo seletivo, que classifica os(as) alunos(as) como “aprovado e classificado” ou “aprovada e classificada”, a partir da própria identificação dos(as) estudantes. Para a constatação racial, foi considerada a indicação de estudante que solicitou ações afirmativas, pois não há autodeclaração, com exceção a esse caso.

Levando esses fatores em consideração, constatamos que houve, nesses anos, 98 ingressantes no mestrado acadêmico do PPGSOL-UnB, sendo 54% homens e 46% mulheres. Dentre o total, 26,5% foram solicitantes de ações afirmativas, no entanto, 69% destes eram homens e apenas 31% mulheres. Ou seja, ingressaram, nos editais referidos, apenas 8,1% de mulheres autodeclaradas negras.

Em relação ao questionário, este foi aplicado de forma *online* e permaneceu aberto entre os dias 11 e 21 de outubro, totalizando 10 dias. Ele foi disponibilizado para a turma que ingressou no mestrado em 2021, sendo esta a primeira turma a realizar o processo seletivo em contexto de pandemia, realizando as etapas, bem como as disciplinas, de forma remota.

Obtivemos 9 respostas, o que equivale a 60% da turma. Enquanto na turma temos 10 homens e 5 mulheres matriculadas(os), responderam ao questionário 6 homens e 3 mulheres, que se identificaram todos como pessoas cisgênero. Em relação à autoidentificação racial, 44,4% (4) se identificaram enquanto pessoa branca, 33,3% (3) enquanto parda e 22,2% (2) enquanto preta.

Por sua vez, 55,6% (5) dos respondentes está na faixa etária de 21 a 25 anos, contra 44,4% (4) que estão na de 26 a 30 anos.

Em relação ao custeio dos estudos no mestrado, 44,4% (4) declararam receber bolsa, porém informaram não ser a maior fonte de renda da casa (2 homens brancos, 1 homem pardo e 1 mulher preta); 33,3% (3) declararam não receber bolsa, mas trabalham, sendo este salário a maior fonte de renda da casa (2 homens brancos e 1 mulher parda); e 22,2% (2) declararam receber bolsa e esta ser a maior fonte de renda da casa (1 homem preto e 1 mulher parda). Todos os respondentes declararam não ter filhos.

Ao responderem o motivo pelo qual decidiram participar do processo seletivo do mestrado em Sociologia na UnB, as respostas, no geral, variaram entre a pretensão de seguir na carreira acadêmica, aprimoramento de conhecimentos, ascensão social e preparo para o mercado de trabalho. Sobre as atividades que desempenham para além dos estudos, destacamos que nenhum dos respondentes declarou cuidar de crianças ou idosos. Em contrapartida, 5 pessoas declararam fazer a limpeza integral da casa (2 homens brancos, 1 homem pardo e 2 mulheres pardas) e 3 o preparo integral da comida (1 homem branco, 1 homem pardo e 1 mulher parda), sendo que estes dois grupos são de pessoas que declararam trabalhar período integral ou meio-período.

Na pergunta “como você avalia o seu desempenho no mestrado até o presente momento?”, 55,6% (5) selecionaram a opção “bom”, 33,3% (3) a opção “regular” e 11,1% (1) a opção “ruim”. Já 88,9% (8) consideram

que a pandemia e o ensino remoto afetaram a saúde mental, contra 11,1% (1) que considerou que não afetaram.

Em relação aos desafios enfrentados nos estudos do mestrado, em que se podia marcar todas as opções que se aplicassem, destacamos a sobreposição de atividades (conciliar o mestrado com trabalho, atividades domésticas etc.), que contou com 7 votos. A dificuldade de acompanhar as leituras e a falta de interação com professores ou colegas devido ao ensino remoto contaram com 6 votos, seguidos da dificuldade de assistir às aulas (4), sensação de não pertencimento (3), desmotivação (2). Duas opções que foram acrescentadas pelos respondentes, com um voto cada: “mudança na forma como os regimentos da minha antiga universidade e a UnB funcionam, além de ambientes e convívios diferentes” e “lacuna muito grande entre graduação e pós-graduação. Graduação não prepara o bastante para um bom ofício acadêmico”.

Ao fim do questionário, havia uma última pergunta, opcional, que consistia em um espaço livre caso quisessem acrescentar informações, da qual obtivemos duas respostas:

1 – Trabalhar e estudar em casa, teoricamente o local de descanso, tem impactado muito a integridade e a qualidade desse tempo de descanso.

2 – Acho que a dificuldade de interação era meio prevista por mim quando entrei no programa, já que ainda não conhecia ninguém e nada que envolvesse a UnB. Porém, a pandemia me coloca em uma situação mais intensa

de “afastamento” e “não pertencimento” já que todas as minhas relações são mediadas por meios tecnológicos. Essa situação evidenciou em minha perspectiva a importância da rotina de uma rede de apoio acadêmica na vida de um pesquisador, mesmo que em alguns momentos o ato de pesquisar pareça muito mais solitário do que interativo.

O PPGSOL-UnB conta com política de ações afirmativas que consiste na reserva de vagas para estudantes que se autodeclararem negros, indígenas ou quilombolas. Para além da reserva de vagas, as pessoas que optam pelas ações afirmativas é dada prioridade nas bolsas de fomento e aos demais editais do departamento. Vale lembrar que a UnB foi pioneira na implementação de ações afirmativas na graduação em 2004, mas somente no dia 04 de junho de 2020, por intermédio do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), foi aprovada a política de ações afirmativas para todos os cursos de pós-graduação (DPG/UnB, 2020).

Embora haja certa paridade racial nas respostas, não é possível inferir que isso corresponde à realidade dos estudantes, visto que o recurso do questionário é não probabilístico e não há informações institucionais detalhadas da autoidentificação racial. Já em relação à questão de gênero, houve certa proporcionalidade com a turma, pois sabe-se que ingressaram 11 homens e 5 mulheres.

É perceptível que a maioria sente que a pandemia é o fator prejudicial à saúde mental, especialmente nos desafios relativos

à sobreposição de atividades, que contou com muitas marcações no quesito “desafios enfrentados no mestrado”, e foi inclusive pontuado no espaço livre do questionário.

Os resultados apontam que, nesta amostra, aqueles que são os maiores provedores de renda da casa (seja a fonte desta renda um emprego ou a bolsa do estágio), são os que mais realizam atividades domésticas. Uma suposição feita é que estes(as) moram sozinhos(as) ou com companheiro(a), e, portanto, são os responsáveis pelo cuidado com a casa e pelo preparo das refeições. Destaca-se que entre os maiores provedores de renda, os(as) negros(as) (pretos e pardos) são maioria neste quesito e os(as) brancos(as) são maioria dentre os que recebem bolsa, mas esta não é a maior fonte de renda da casa.

Neste caso, é interessante pensar no aspecto de classe que se destaca aqui e que, no Brasil, se associa em grande medida à raça (MADEIRO, 2019). Os dados coletados apontam para uma predominância dos maiores provedores de renda da casa que são em sua maioria negros(as). Assim, observa-se como as condições materiais de existência afetam as experiências nesta etapa educacional, visto que tornam a sobreposição de atividades um obstáculo ao mestrado acadêmico.

### **3. Experiências e relatos das mulheres ingressantes**

O grupo focal foi realizado com três mulheres ingressantes do mestrado do PPGSOL-UnB para o primeiro semestre letivo

de 2021. O grupo contou com a presença de duas mulheres que se autodeclararam pardas e uma que se autodeclarou preta. As participantes não foram nomeadas a fim de preservar suas identidades e algumas informações foram omitidas com o mesmo intento, considerando que se trata de uma amostra reduzida e possivelmente identificável.

Devido ao período de isolamento social em que a pesquisa foi realizada, o grupo focal se deu através de videochamada e todas as participantes preencheram um termo que autorizava a gravação de suas vozes, bem como a utilização do conteúdo para a escrita do artigo.

Realizamos uma fala inicial com alguns questionamentos mais gerais e pedimos que falassem livremente sobre os temas que sugerimos, de acordo com suas percepções e vivências. A fala inicial foi a seguinte:

como vocês avaliam as questões de gênero e raça na experiência de vocês no mestrado até agora? Como esses marcadores, quanto entram em contato com essa microssociedade que é a turma de mestrado, tem impacto ou influenciam na motivação de vocês, na autoestima intelectual, no sentimento de pertencimento e na maneira que se colocam nas disciplinas e nas interações com os professores e demais colegas, ainda que em ambiente virtual? E quais são os principais impactos da pandemia na experiência do mestrado? Pontuando aí como que está sendo a circulação das ideias, a avaliação que vocês fazem do aprendizado de vocês, a intermediação da tecnologia para as aulas e para

o contato com professores e colegas etc.

As seguintes questões apareceram, envolvendo a quantidade de mulheres na turma e o espaço de sala de aula virtual: quando a gente passou [no mestrado], quando saiu a lista, eu não reparei na paridade de gênero, porque eu sabia que a gente não ia preencher todas as cotas raciais e eu tinha entrado com essa decepção. Mas acho que em uma das primeiras aulas eu percebi “gente, só tem 5 mulheres na turma ou eu tô enganada?”. Foi quando minha ficha caiu. E mesmo assim a maioria dos alunos é de homens brancos. [...] E a gente sequer falou disso, sabe? Na turma, no grupo. Os professores parecem que sequer perceberam, estão ali dando aula e nem notaram que não tem mulheres na disciplina. (Participante 1)

[...] quando eu vou participar em sala de aula é porque eu realmente li o texto e tô num nível de compreensão maior do que eu teria normalmente, estou com dúvida... no mais, eu não participo realmente porque eu tenho medo de gerar um tipo de imagem que me descredibilize, entendeu? Justamente por todos os fatores que agregam, de ser mulher, negra [...] então, isso me gera uma insegurança muito forte. E isso de ter muitos homens, dos homens participarem muito e as mulheres ficarem ali um pouco mais colocadas de lado, também me gera esse tipo de insegurança. Por exemplo, essa é a primeira vez que eu tô tendo contato com todas vocês. Nem ligar a câmera eu não ligo. E quando a gente tem

aula online a gente não tem o tipo de interação social que a gente tem quando *tá* no presencial. Tanto é que é só agora que a gente tá conseguindo conversar sobre vários temas que na verdade incomodam a gente [...]. (Participante 2)

Quando a gente apresentou nosso seminário (grupo só de meninas) e ninguém deu parabéns, a gente ficou tão chateada [*risos*], poxa! Ninguém deu parabéns?! Não que a gente quisesse ser ovacionada, mas isso é porque não existe uma solidariedade entre a turma. (Participante 3)

Eu acho que as aulas são um espaço de disputa às vezes. [...] Na apresentação dos *caras*, eu só vejo o *chat chovendo* “parabéns, *não sei o que*”, e era só *caras* dando parabéns, parece aquela coisa de *brother*. [...] Gente, mas eu acho que assim, a gente, às vezes, se esforça demais *pra* ler e entender o texto e o *cara*, tipo assim, folheou o texto e chega com a confiança do mundo na aula. [...] parece que eles têm todo dia a reafirmação da confiança, do ego, da segurança de que eles são os detentores do conhecimento. E isso, *pra* além do pedantismo... [na hora de] conseguir alguma vaga, você sabe que vai ser o *cara* com um currículo medíocre, às vezes. Isso eu acho desanimador. (Participante 1)

*Pra* mim isso remete a um sofrimento psíquico que antecedente o seu desempenho em sala de aula, porque se você acha que tem que ler mais, que tem que ler melhor, que tem que entender melhor, tem que

chegar com uma coisa pronta só pra fazer uma espécie de performance ali, pensa o sofrimento psíquico! E os *caras*, eu duvido que eles tenham isso, eles vão passar o olho no texto e falar “ah! Isso aqui, vou perguntar isso”. E aí a gente não, tem que se preparar, tem que falar uma coisa que seja muito relevante, muito legal etc. (Participante 3)

No campo da Ciência, a questão de gênero (que se cruza com outras categorias, como raça, classe, orientação sexual etc.) é marcada não só por barreiras objetivas, como a diferença salarial, em que elas ganham em média 26,5% a menos que eles (BENETT, 2021), mas por obstáculos subjetivos que objetivam a realidade. Podemos pensar no “teto de vidro”, “barreira invisível” que impede mulheres de assumirem cargos mais altos ou, para além dele, como proposto por Betina Lima (2013), o “labirinto de cristal”. Ou seja, não apenas um impedimento, mas uma série de desafios que mulheres passam durante o percurso em busca de maior reconhecimento em sua área, por exemplo.

Em ambientes masculinos – e não necessariamente em números, mas historicamente masculinos –, as mulheres criam estratégias de sobrevivência, o que podemos chamar de “drible da dor” (LIMA, 2013): daí podemos inferir que a *performance* de uma mulher cientista na sala de aula, como mencionado por uma das participantes, na tentativa de “caber” na *performance* “natural” de cientista, pode ser uma destas estratégias. Isso se confirma ao mencionarem também um maior conforto ao estarem em discipli-

nas ministradas por ou com maior número de mulheres.

Mas é justamente a falta de compatibilidade da *performance* esperada dentro do contexto institucional de um(a) cientista que não se insere no “padrão cientista” que pode ser um dos fatores de uma baixa autoestima intelectual. A não confiança em sua capacidade de estar naquele espaço é gerada por essa falta de senso de pertencimento, o que impacta indivíduos que escapam ao “molde” do cientista (aqui afetarão as categorias como gênero, raça, classe social etc.).

Outra temática que apareceu foi a questão da bolsa:

eu já esperava uma postura do departamento quanto à bolsa, mas assim... eu sou uma pessoa que não sou daqui [de Brasília], eu vivo sozinha, não tenho ajuda dos meus pais, luto *pra* poder sobreviver. E aí você se depara com cada absurdo: tipo, sai uma bolsa de vulnerabilidade, vocês viram aquele edital. E se você recebe bolsa, você não pode pedir! Então quem vai receber a bolsa [de vulnerabilidade]? Não faz o menor sentido! (Participante 1)

Ainda mais com o preço das coisas, o custo de vida. Com 1.500 reais não dá *pra* sobreviver. Só o aluguel é uns 1.000 *contos*. Aí vai comer o quê? Não vai poder sair *pra* tomar uma cerveja? (Participante 3)

E não considera se você é uma mulher, se você é mãe, por exemplo, não *tá* considerando que você vai ter que sustentar você e sua filha com 1.500 reais. Isso não reflete a realidade, de gênero e de raça. Tem

peças que podem só estudar, mas têm pessoas que não podem só estudar, que têm que se desdobrar e fazer várias coisas ao mesmo tempo *pra* estar nesses espaços. (Participante 1)

A bolsa representa, para muitos dos(as) estudantes, a principal fonte de renda da casa. E não só isso, representa aquilo que permitirá acessos a lugares, pessoas e experiências. Com este valor de bolsa (R\$ 1.500,00<sup>3</sup>) e com as condições para seu recebimento (não pode ser acumulada com um emprego ou outras bolsas), elas argumentam que não é possível arcar com muitas das despesas, muito menos com entretenimento e lazer.

O fomento de bolsas para pós-graduação no Brasil é feito principalmente por dois órgãos: a Capes e o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Além do financiamento de bolsas, a Capes é responsável pela avaliação quadrienal dos cursos de pós-graduação, atribuindo notas de 1 a 7, sendo essa avaliação determinante para que os cursos permaneçam ativos e para os que serão desativados, além da distribuição dos recursos. No PPG-SOL-UnB, os optantes por ações afirmativas possuem prioridade nas bolsas de fomento destinadas ao programa, visando maior equidade dentre os estudantes.

Em determinado momento, dialogaram mais especificamente sobre a pandemia e a circulação de ideias neste contexto:

3 Vale salientar que o período em que as autoras escreveram o artigo, no 1º semestre de 2022, as bolsas de fomento eram no valor de R\$ 1.500,00, mas, em fevereiro de 2023, as bolsas de mestrado CNPq e Capes passaram por um reajuste de 40% e atualmente possuem valor de R\$ 2.100,00. (GOVERNO FEDERAL, 2023)

Mas assim, eu acho que a pandemia faz a gente perder essa interação do dia a dia, e isso faz muita falta. E aí teve na pergunta a questão da circulação de ideias. Eu *fiquei*, “que ideias? Que circulação?”, porque, tipo assim, a gente perde grande parte desse conteúdo. Não existe aquele papo pós aula, aquele cafezinho, aquele “fulano, você leu o texto? Você entendeu tal coisa?”. E até pensando na produção acadêmica, porque eles cobram muito que a gente seja muito produtivo, que produza textos juntos, e que publique e tal... como que você vai publicar se você nem conhece o seu colega? Às vezes seria legal se os professores propusessem um trabalho final em dupla, *pra* gente tentar publicar depois, coisas assim... tem o problema da pandemia, mas os professores poderiam pensar em alternativas pra isso e eles não *tão* pensando muito bem. E não existe um incentivo *pra* gente conviver juntos, deveria ter um encontro só dos alunos, sem ter aquela institucionalização ali. (Participante 3)

[...] o fato de eu morar sozinha... é eu e eu. Assim, se eu tiver que cozinhar, se eu tiver que lavar a louça, de eu tiver que limpar a casa, tiver que ir ao mercado, ir ao médico... tudo sozinha. E eu acho que essa é a realidade de várias mulheres no *online*, o acúmulo de várias tarefas. [...] Aí você não descansa, você não dorme... mês passado, e nem era final do semestre [*risos*], eu mal conseguia dormir, porque eu já ia dormir pensando nas coisas que eu ia fazer no dia seguinte. A gente se vê muito sobrecarregada. Aí você vê: tem poucas mulheres, poucas pessoas negras, e se você quiser

fazer alguma coisa, você tem que fazer mesmo que sobrecarregada. Porque ninguém vai fazer por você. [...] nem sempre eu consigo chegar na aula com o texto lido, e as pessoas que só fazem mestrado, principalmente os *caras*, que não têm que ajudar em casa, não têm que fazer nada, não contribuí com a mãe, com a família... aí ele chega na aula com o texto lido, sabe? Teve uma aula que iniciou e o professor cancelou e eu falei “bom, ainda bem que não teve aula”, porque eu nem sabia qual texto era, tipo assim, totalmente perdida na organização, porque eu *tava* fazendo um milhão de coisas naquela semana. E às vezes eu *tô* na aula e *tô* ali [fazendo outras coisas], mas também a gente sabe que é uma possibilidade do *online*, no presencial as coisas não são tão maleáveis assim. (Participante 1)

Quando eu fui sentar e escrever o meu TCC, que era a pesquisa que eu queria fazer, veio a pandemia. Aí no meio da pandemia eu comecei a perceber que a única coisa que eu fazia na pandemia era pesquisar, então eram as aulas da UnB, eram os textos do TCC, era tudo. Eu não tinha *hobbie*, eu não fazia atividade física... eu tinha um namorado que eu consegui antes da pandemia, porque se não fosse isso, não tinha namorado [*risos*]. E assim, eu não via minha família, *né*? [...] Aí eu virei *pra* mim e falei “é isso? Se eu morresse hoje, esse era o meu legado: estudou. Só! Não fez mais nada” [*risos*]. (Participante 1)

Neste cenário, perde-se, segundo uma das falas, qualidade na interação e na circula-

ção de ideias. Ambientes de sala de aula virtuais se apresentam de forma mais distanciada, enquanto muitos alunos e professores não conseguem nem ao menos ver o rosto daquele que se sentaria ao seu lado em um ambiente físico. Além disso, por conta do “não deslocamento”, as atividades são realizadas todas em um mesmo ambiente: o relacionamento com os familiares, cuidado de crianças, atividades domésticas, trabalho e estudo.

Sabemos que historicamente as atividades do cuidado e da limpeza são delegadas às mulheres, como argumentado por Angela Davis (2016), além de serem tratadas como naturalmente dever das mulheres, as atividades domésticas são “praticamente invisíveis” e as afastam da esfera pública.

Na pandemia, isso tem ficado mais evidente e é reforçado em suas falas. Este fato é corroborado no trabalho “As Ciências Sociais na pandemia da Covid-19: rotinas de trabalho e desigualdades” (2021), no qual as autoras apresentam dados a respeito das dinâmicas de cientistas sociais no período pandêmico. Elas evidenciaram que pós-graduandos(as) consideraram que os impactos na pandemia na rotina de trabalho foram mais negativos que para outros grupos. Ou seja, para as mulheres, os efeitos da pandemia foram maiores do que para os homens, já que elas sentiram mais alterações nas demandas de trabalho. Eles, por outro lado, consideraram que ganharam mais tempo para a produção de artigos devido à suspensão das aulas.

As participantes acrescentaram outros aspectos envolvendo a experiência de ser mulher na academia e no mestrado de forma geral:

(...) eu *tô* travadíssima pra escrever o trabalho final, porque eu não sei até que ponto muda do texto que eu escrevia na graduação *pro* da pós-graduação. *Cara*, me gera uma ansiedade: eu sento na frente do computador... [...], começo a escrever e não sei nada. E esse debate de hoje me fez compreender a necessidade da gente se colocar, falar o que a gente pensa. Eu *tô* me dedicando 100%, então assim, tinha semana que eu terminava as três aulas, aí eu sempre me programava e escrevia os textos que eu tinha que ler. Gente, tinha semana que tinha mais de sete textos *pra* ler *pra* semana seguinte. Nem eu deixando de viver eu conseguiria ler tudo. Aí eu falei com a terapeuta, “é impossível”. E me gerava um sentimento de ansiedade, de insuficiência. Mas *cara*, quem lê oito textos em menos de uma semana? Chegou um nível que eu *tava por aqui*, e estava sendo muito difícil lidar com a frustração, e mesmo me dedicando 100% eu não era a melhor aluna da turma. Aí eu fico “será que eu merecia?” (ter passado na seleção), aí você começa a se questionar, *né?* (Participante 2)

Eu pensava: é impossível ter um filho, casar, construir uma família e ser pesquisadora. Então o que eu vou fazer? Casar depois do doutorado. Olha que loucura! E quando eu percebi, eu fiquei: “*da onde* eu tirei isso?”. Ninguém nunca me disse isso, mas a gente vai vendo que não é o cenário. Não é o cenário mulheres grávidas, mulheres mães nesses espaços.

Aí você vai percebendo que a sua vida vai girando em torno disso. E qual é a diferença da graduação *pro* mestrado? É a pressão. A pressão de você ser mais qualificado, a pressão de escrever mais [...]. E isso de ficar se comparando com outras pessoas... às vezes a gente nem sabe como é a realidade daquela pessoa, mas aquela pessoa parece ser superinteligente, faz várias coisas ao mesmo tempo [...] Eu até falei *pra* minha terapeuta, “eu não aguento mais me esforçar duas vezes”. (Participante 1)

Eu peguei uma matéria em que uma das alunas era do doutorado. No dia da apresentação [...] ela falou “eu sou formada em *não sei o que* e eu sou mãe”. E aí eu não entendi porque ela tinha se descrito como mãe, mas eu fui percebendo que às vezes ela *tava* na aula e *tava* amamentando, com a câmera ligada e *tal*. E eu acho que isso era até uma expressão de resistência mesmo [...]. Mas, assim, passou menos de um mês, ela mandou uma mensagem no grupo “gente, olha, eu pensei que eu conseguiria manter essa matéria junto com a maternidade, mas pra mim *tá* sendo muito difícil, enfim, vou ter que largar”. E aí eu percebi, que, realmente, ser mãe, de um neném ainda, e estudar, é muito difícil. (Participante 1)

Interessante pontuar como para elas têm sido uma questão pensar maternidade e na academia, e como este é um ambiente de exclusão para mulheres cientistas que são mães. Este último grupo teve sua produção científica afetada durante o período da licença-maternidade e, inclusive, só tiveram a

possibilidade de inserir essa informação no Lattes em abril deste ano (BOEHM, 2021). Ou seja, até março deste ano, mulheres cientistas mães simplesmente não tinham indicação nenhuma do motivo pelo qual sua produção científica/quantidade de publicações caiu por um período, colocando-as em desvantagem em relação a outros colegas. Isso porque o molde de cientista é um molde que não considera a maternidade.

Situações de discriminação de gênero e de não acolhimento podem impactar na saúde mental destas cientistas, como uma das participantes menciona ao falar de sua insegurança e seus questionamentos a respeito do merecimento de ocupar este espaço. Saúde mental na academia é um tópico que vem sendo discutido recentemente, como no artigo “O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil” (COSTA e NEBEL, 2018), que aponta que neste universo pesquisado, 74% dos respondentes afirmaram ter ansiedade, 31% insônia e 25% depressão. É sabido que a depressão foi considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) “o mal do século XXI” (ENTENDA, 2019).

Se adicionarmos o fator pandemia, a situação fica ainda mais complicada: estima-se que em tempos de epidemias, até a metade da população pode ter consequências psicológicas, além de efeitos no humor, medo e insônia (GARRIDO e RODRIGUES, 2020). E mais: com o isolamento social, tem recaído sobre as mulheres a maior parte das atividades domésticas, que precisam ser compatibilizadas com o trabalho *home office* e com a maternidade, mesmo no caso de mulheres de

classe média e com alto grau de escolaridade (ALMEIDA, 2020).

De forma geral, portanto, há a percepção dessas mulheres de que são um “corpo estranho” no ambiente acadêmico. Elas reconhecem que este é um espaço historicamente dominado por homens e que apesar de possuírem o conhecimento necessário para ocupar esse espaço, existe uma premissa compartilhada institucionalmente entre os homens – e, mais especificamente, os homens brancos – que as tornam *outsiders within*, como proposto por Patricia Hill Collins: “*insiders* passaram por experiências similares, dividem uma história em comum e compartilham conhecimentos tomados como certos e que caracterizam o ‘pensar como de costume’” (COLLINS, 2016, p. 116). Dessa forma, uma *outsider within* compartilha experiências com os *insiders*, mas percebem que não foram as criadoras dos códigos do grupo – por isso não são completamente *insiders*. Ao mesmo tempo, não são totalmente *outsiders*, por conta da proximidade com os *insiders* e têm, portanto, um ponto de vista único, capaz de observar padrões que os *insiders* dificilmente perceberiam.

#### 4. Considerações finais

Podemos inferir, a partir da literatura mobilizada e dos dados coletados, que existe um “padrão cientista” no imaginário social dos acadêmicos, criado mediante uma história que prejudicou a ascensão de mulheres e de pessoas negras em todas as esferas da sociedade, inclusive na Ciência, enquanto agentes. O cientista homem, branco e heterossexual,

com suas *performances*, expressão de *status* social e intelectualidade, recebem reforços diários da detenção do conhecimento.

A questão é que a produção científica não é somente formada por esse padrão, ela é permeada por interseccionalidades, eixos de subordinação que se cruzam e formam desigualdades específicas (CRENSHAW, 2002). Ou seja, não há apenas uma forma de ser cientista. E as pessoas que se encontram fora deste padrão (mulheres, pessoas negras, LGBTQIA+, etc.), se depararão com um ambiente acadêmico-científico enquanto ambiente de descredibilidade e que pode causar a falta de sentimento de pertencimento.

Para além disso, a circulação de ideias, em um contexto pandêmico, fica prejudicada e as mobilidades impactadas pelos marcadores dos corpos que (não) transitam. É claro que termos a possibilidade de continuar com aulas, eventos e cursos na academia é de extrema importância, apesar do isolamento social necessário para a contenção da disseminação do vírus.

A internet abre um leque de opções como uma alternativa à conexão de pessoas no mundo todo, mas é perceptível como essa conexão é desigual, a começar pelo acesso à internet e ao considerarmos a sobreposição de atividades que permeiam gênero, raça e classe, por exemplo. Pessoas que precisam trabalhar, estudar, realizar atividades domésticas e de cuidado em um mesmo ambiente, acabam se movimentando e se “deslocando” para vários locais e muitas vezes ao mesmo tempo, como citado por uma delas: “[...] às vezes eu *tô* na aula e *tô ali* [fazendo outras coisas], mas também a gente sabe que é uma

possibilidade do *online*, no presencial as coisas não são tão maleáveis assim”.

Quando olhamos para os dados do questionário, percebemos, dentro dos aspectos objetivos, que o fator trabalho/prover a renda são cruciais para entender, nesta turma, o desempenho de atividades sobrepostas, e seria interessante, em próximas pesquisas, investigar mais a fundo estas questões. Entretanto, em termos subjetivos, temos sentimentos e sensações que botam luz nas questões de gênero e de raça ao ouvirmos as vivências

e os relatos das mulheres da turma, ressaltando, aqui, o fato de as mulheres participantes do grupo focal serem todas não brancas.

O ambiente acadêmico, no qual elas estão em posição de *outsider within*, pode ser extremamente prejudicial à autoestima delas, e quando associado ao ensino remoto, que dentro de um contexto pandêmico, afeta a saúde mental, a interação social e a circulação de ideias, e isso pode ser uma junção-chave para afetar a produção científica delas.

## Referências

Ações Afirmativas na Pós-Graduação. Disponível em: <http://dpg.unb.br/index.php/acoes-afirmativas#:~:text=No%20dia%2004%20de%20junho,CEPE%20n%2044%2F2020>. Acesso em: 2 maio 2022.

ALMEIDA, Tânia Mara de. A violência contra alunas: currículo oculto nos ambientes universitários. In: BIDASECA, Karina (Org.). **Poéticas de los feminismos descoloniales desde el Sur**, p. 205-229. Buenos Aires: Red de Pensamiento Decolonial (RPD), 2018.

ALMEIDA, T. M. C. de. Dilemas de gênero e o home office em meio à pandemia da COVID-19. In Ludmila de Vasconcelos M Guimarães, Teresa Cristina Carreteiro e Jacyara Rochaël Nasciutti. (Org.). **Janelas da Pandemia**. 1 ed. Belo Horizonte: Instituto DH, p. 39-48, 2020.

BENETTI, E. Diferença salarial entre homens e mulheres na mesma função pode gerar multa. NSC Total, 2021. Disponível em: <https://www.nscototal.com.br/colunistas/estela-benetti/diferenca-salarial-entre-homens-e-mulheres-na-mesma-funcao-pode-gerar>. Acesso em: 7 out. 2021.

BOEHM, C. Currículo lattes terá nova seção para registrar licença-maternidade. Agência Brasil, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-04/curriculo-lattes-tera-nova-secao-para-registrar-licenca-maternidade> Acesso em: 7 out. 2021.

CANDIDO, Marcia; MARQUES, Danusa; OLIVEIRA, Vanessa e BIROLI, Flávia. As ciências sociais na pandemia da Covid-19: rotinas de trabalho e desigualdades. **Sociologia & Antropologia**, 11 (esp.), p. 31-65, 2021.

COLLINS, P. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 31, n. 1, jan-abril 2016.

COSTA, E. D. da. e NEBEL, L. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. In Polis, **Revista Latinoamericana**, nº 50, 2018, p. 207-227.

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

ENTENDA porque a depressão é a doença do século. **Conexa**, 2019. Disponível em: <https://blog.conexasaude.com.br/depressao-e-a-doenca-do-seculo/>. Acesso em: 7 out. 2021.

FLOYD, J. e FOWLER, J. **Pesquisa de levantamento**. 4. ed. Porto Alegre: Penso, 2011.

GARRIDO, R e RODRIGUES, R. Restrição de contato social e saúde mental na pandemia: possíveis impactos das condicionantes sociais. In **J. Health Biol Sci.**, 8(1): 1-9, 2020.

GOVERNO Federal anuncia reajuste de bolsas do CNPq e da CAPES. **Gov.br**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/cnpq-em-acao/governo-federal-anuncia-reajuste-de-bolsas-do-cnpq-e-da-capes>. Acesso em: 8 mar. 2023.

GUNDIM, Vivian et al. Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de covid-19. **Revista baiana de enfermagem**, 2021.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 7-41, 1995.

Levantamento da Capes mostra que mulheres enfrentam sexismo na ciência. **Correio Braziliense**. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/euestudante/ensino-superior/2023/04/5084651-levantamento-da-capes-mostra-que-mulheres-enfrentam-sexismo-na-ciencia.html?fbclid=PAAaZWPHdEe11MOB15lUghWJXbVGmxyp46oupgGFQH4VnBp5J6A-5V8r5SHug0>. Acesso em: 04 abr. 2023.

LIMA, B. S. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. In: **Rev. Estud. Fem.** vol.21 no.3 Florianópolis, set./dez. 2013.

Negros são 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos. UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/13/percentual-de-negros-entre-10-mais-pobre-e-triplo-do-que-entre-mais-ricos.htm>. Acesso em: 04 abr. 2023.

YIN, Robert. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.